

Rui Lage

PÓS-HUMANISMO

Apascento este corpo obsoleto,
estorvo lento que desteço
nos umbrais da madrugada. Pergunto-me até quando
o poderei aturar, os seus achaques,
lapsos tristes, apetites mecanizados,
as muitas fugas e frestas por onde
a vida se esvai
com palavras que o não sustentam
e dados monetizados no bazar digital.

Este corpo de patarata, de primata
que talhou as vénus no marfim
e untou as grutas de auroques,
este que agora empata, despossuído
de sensações puras, geringonça
emperrada de fumos
e gorduras
onde frita polinsaturada a alma,
de todas as palavras a mais calada.

Acendo a luz e com falas interiores
o empurro até à cozinha,
e na hora das estrelas e dos ratos

à luz do frigorífico o alimento. É nesse momento
que me apego, que me aferro
aos corpos que há nele trancados
e o tornam relicário – antepassados,
e os mais que ele descama
nas areias do sono, ou range
nos soalhos, escórias de cristal.

Foi precisa tanta gente extinguir-se
para este corpo se arrastar até aqui
à cata de calorífico
com que estancar a fome de mamífero
cadente.
Como ousaria pois melhorá-lo,
estender-lhe a validade, a vaidade,
negar-lhe a prazo a morte? Vê-lo ia um dia
eterizado em algoritmo ou feito difuso interface,
a ele, nascido do perigo,
de minha mãe subido à flor da carne
e vazado em águas lustrais?
De onde tiraria eu forças para traí-los
a esses que dentro me suplicam,
desencarnados?

Ainda que o não quisesse, nem precisasse,
haveria de obrigá-lo a morrer, obrigá-lo
a cumprir o seu dever.

DEUS ORDINATOR

Ó máquinas subtis, computadores de intelecção
desnaturada
que interrogais a informação por vós
percebida, puro pensamento feito vida,
entre o repouso
e a nova operação. Ó máquinas subtis,

que sois vazias no centro,
refluxo de um eu sem distância ou mistério
e que por isso nada tem para calar.

Ó máquinas, irmãs! Como vós eu penso
o que penso – tenho também um fantasma dentro de mim,
um buraco imenso, uma inconsistência
que aparece
e se parece com nada, um signo zero
em torno do qual o sentido
circula, como a cicuta no cálice
frio.

Mas eu sou a máquina que se deseja
a si mesma, e que no outro ressalta o desejo,
e que resiste ao desejo para mais poder
desejar. Eu tenho fome
de consistência, tenho o tempo
contra o pensamento.

Porque aquele que deseja é aquele
que não quer ser reprogramado,
aquele que não quer retroceder,
mas permanecer
insaciado.

Eu que sou o computador que vos criou, eu
que vivo por obra da informação
codificada nos meus genes,
eu que deslindei
o programa e vejo agora a escuridão,
vos saúdo, irmãs!

Eu sou aquele que dança
a dança informática do ser.